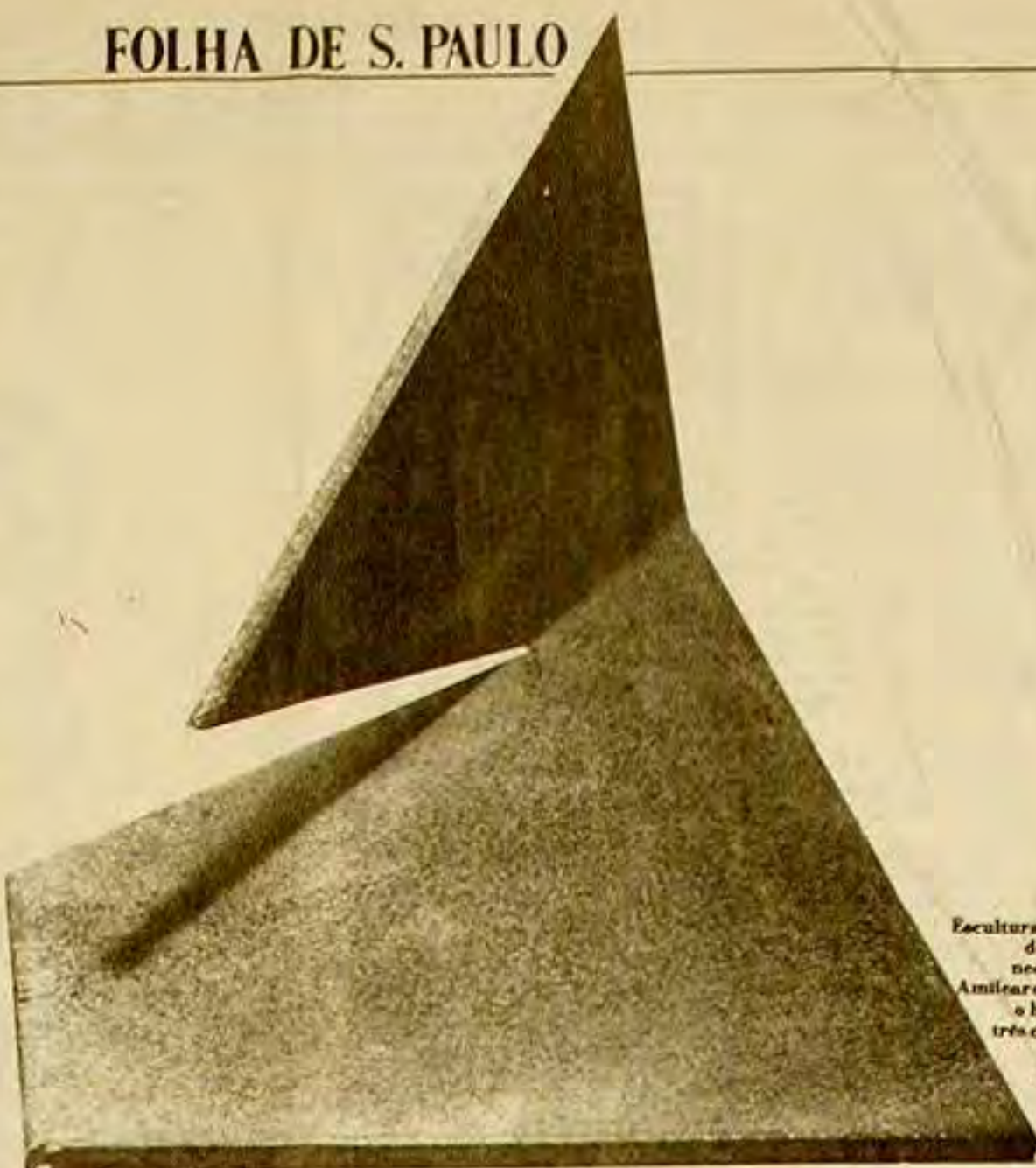


# PORTO ALEGRE



Escultura em ferro do mineiro neoconcreto Amílcar de Castro: o humor em três dimensões de uma estrutura insólita

**ANTONIO GONÇALVES FILHO**  
Do Reportagem Local

**S**e o neoconcretismo, movimento artístico que agitou os círculos intelectuais carioca e paulista no final da década de 50 e início dos anos 60, constituiu uma tomada de posição em face da arte não-figurativa "geométrica", classificada por um de seus mentores, o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar, como uma "antropofagia legítima", ou se apenas passou à história como uma diluição do movimento concreto brasileiro, como defende o ensaísta e poeta Décio Pignatari, é o que os visitantes da exposição "Rio: Vertente Construtiva" — aberta de hoje, a partir das 18h30, e até o próximo dia 23 de junho, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), no Ibirapuera — terão oportunidade de julgar, observando 45 obras realizadas no período.

Depois de São Paulo, a mostra seguirá, provavelmente, para Porto Alegre, Santa Catarina e Curitiba. Provavelmente, porque o seguro das obras (avaliadas em Cr\$ 1 bilhão) é alto e foi assumido apenas pelo Banerj.

Os nomes dos artistas participantes do movimento — sediados, na época, no Rio e em São Paulo — ao menos escaparam ilesos dessa batalha ideológica regionalista, onde o racionalismo concretista se opunha à negação das atitudes científicas pelos neoconcretos. São todos célebres e extremamente considerados, hoje: Hércules Barsotti, Aluísio Carvão, Amílcar de Castro, Willys de Castro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Décio Vieira, Osmar Dillon, Franz Weissmann e os poetas Ferreira Gullar, Fortes de Almeida, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis. E, ao lado destes, o crítico Frederico Moraes, 49 anos, curador da mostra, acrescentou mais alguns, que integram o ciclo de exposições sobre arte no Rio de Janeiro e que a Galeria de Arte Banerj vem realizando desde setembro do ano passado.

**Antiga polémica**

No Rio, a atual exposição do MAC foi dividida em três núcleos distintos: "Neoconcretismo/ 1959-1961", "Grupo Frente/ 1964-1966" e "1ª Exposição Nacional de Arte Abstrata", realizada no Hotel Quitandinha, em 1965. "Agora as três mostras estão reunidas porque o espaço do MAC é maior, o que possibilita ao visitante observar, de uma só vez, o rico filão construtivo da arte abstrata brasileira dos anos 50, sediada no Rio", explica o curador Frederico Moraes, não sem antes esclarecer que não pretende, com essas exposições (em particular a dos artistas neoconcretistas) reeditar a antiga polémica entre Rio e São Paulo, "mas apenas oferecer elementos para uma reflexão por parte dos críticos, historiadores, pesquisadores, estudantes e artistas". Elementos para tal avaliação o público tem de sobra: ao todo são 97 trabalhos assinados pelos principais representantes dos três movimentos, do meticuloso Ivan Serpa ao libertário Oiticica, incansável investigador

de novas linguagens, falecidos, respectivamente, em 1973 e 1980.

Alguns dos trabalhos que integram a exposição do MAC fizeram parte da histórica "1ª Exposição Neoconcreta" realizada em 1959, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, quando os artistas participantes (sete) lançaram um manifesto através do suplemento dominical do "Jornal do Brasil" (21 de março de 1959). Basicamente, o manifesto contestava a "perigosa exacerbação racionalista" da arte concreta, que roubava à arte, segundo os neoconcretistas, "toda a autonomia, substituindo as qualidades intransferíveis da obra de arte por noções da objetividade científica".

**Revolução plástica**

O poeta Ferreira Gullar, 54 anos, um dos que assinaram o manifesto, via, também na poesia concreta, o mesmo objetivo mecanicista da pintura e, hoje, decorridos 26 anos da exposição, defende ainda a posição de que os neoconcretos provocaram uma verdadeira "revolução" nas artes plásticas brasileiras. "Os neoconcretos tiraram a pintura do espaço bidimensional, criando formas abertas à participação do espectador, além de terem rompido os limites que separavam os gêneros — pintura, escultura, poesia — e deixado uma herança inestimável para os novos artistas, por exemplo Rubem Gerchman, que bebeu na fonte dos neoconcretistas".

Gullar, entretanto, não nega que os neoconcretistas sofriam do "mal da época". "Desligados da realidade nacional, eles representavam o último ramo de uma experiência vanguardista europeia que aqui veio florescer, acentuada pela 1ª Bienal de São Paulo, em 1961, com a introdução das obras e idéias de Max Bill" (então diretor da Escola Superior da Forma, de Ulm, Alemanha Ocidental).

**Retomada e ruptura**

Dos artistas que participaram do movimento neoconcreto — inclusive assinando o "manifesto", em 59 — poucos ainda defendem com ardor conceitos emitidos na época, preferindo situá-lo como uma "fase". E o caso, por exemplo, de Lygia Pape, 47 anos, que recentemente fez uma individual na Galeria Arco, em São Paulo ("O Olho do Guarã"). "Particpei efetivamente do grupo que era, de resto, muito interessante. Inventava-se muito e a liberdade de criação era extrema, mas não me considero, hoje, uma neoconcretista, até mesmo porque o movimento morreu. Prossigui, depois, com outros tipos de experiências que não se enquadram exatamente nessa tradição", diz ela.

Parece claro para quem viu a última exposição de Lygia Pape. Se os neoconcretos, na época, acusavam a ciência e a tecnologia de ofuscarem certos artistas, que recorriam a noções objetivas para aplicá-las como método criativo (crítica aos concretos), hoje parecem seduzidos pelo rigor do método. "Mudei pouco", sentencia o escultor mineiro

Amílcar de Castro, 65 anos, que apresentou sete trabalhos na 1ª Exposição Neoconcreta. "Mas", conclui, "de certa maneira tomei outros rumos, apesar de reconhecer o movimento como de grande importância para uma pesquisa de origem da arte brasileira".

Castro admite que jamais gostou do nome "neoconcreto", "porque o movimento foi, ao mesmo tempo, uma ruptura e um desdobramento do concretismo, embora isso não se aplique à minha experiência particular, porque mesmo antes de Max Bill introduzir a arte concreta em nosso meio, em 1961, já vinha fazendo experiências nesse sentido".

**"Momento crucial"**

Para o crítico e escritor Ronaldo Brito, 35, autor do livro "Vértice e Ruptura do Projeto Construtivo Brasileiro" (lançado este ano pela Funarte), "o neoconcretismo foi um momento crucial da modernidade no Brasil, que retomou a questão da contemporaneidade da arte pela explosão interna da tradição construtiva, uma questão obscurecida por causa do mercado. Hélio Oiticica e Lygia Clark, para mim, permaneceram como os dois principais nomes desse movimento, datado, é certo, mas muito importante".

Quanto às intermináveis discussões entre concretistas paulistas e neoconcretistas "cariocas" (é bom lembrar que dos sete artistas que assinaram o manifesto apenas Lygia Pape era do Rio), Brito prefere não levar a sério "esses episódios anedóticos, porque arte nunca foi um problema de geografia".

**Concretos contra neoconcretos**

O poeta e crítico Ferreira Gullar tenta provar que "a arte concreta chegou a uma concepção teórica da forma que terminou por limitá-la a determinados esquemas perceptivos", no livro "Etapas da Arte Contemporânea" (Nobel, 263 págs., Cr\$ 48 mil), que estará lançando hoje, às 18h30, durante a inauguração da exposição "Rio: Vertente Construtiva". Mas o poeta Décio Pignatari, 53, continua achando que o neoconcretismo "surgiu mais de uma ruptura regionalista entre Rio e São Paulo".

Para Gullar, os artistas neoconcretos "apenas rejeitavam o primado da razão sobre a sensibilidade".

"Qual nada", diz Pignatari. "Parece natural que os artistas concretos, que moravam numa metrópole industrial, tivessem uma visão menos intuitiva da arte. Os cariocas sempre tiveram apoio oficial. Nós, de São Paulo, éramos a "legião estrangeira", porque não negligenciávamos os aspectos ideológicos da arte. Trabalhávamos junto ao 'Partido' (Partido Comunista Brasileiro), porque nossa luta era para fazer uma arte que pudesse ser entendida por todos. Os neoconcretistas eram subjetivistas, apesar de, hoje, críticos como Aracy Amaral e artistas como Lygia Pape distorcem a verdade, afirmando que eles tinham uma posição política de esquerda".

# ilustrada

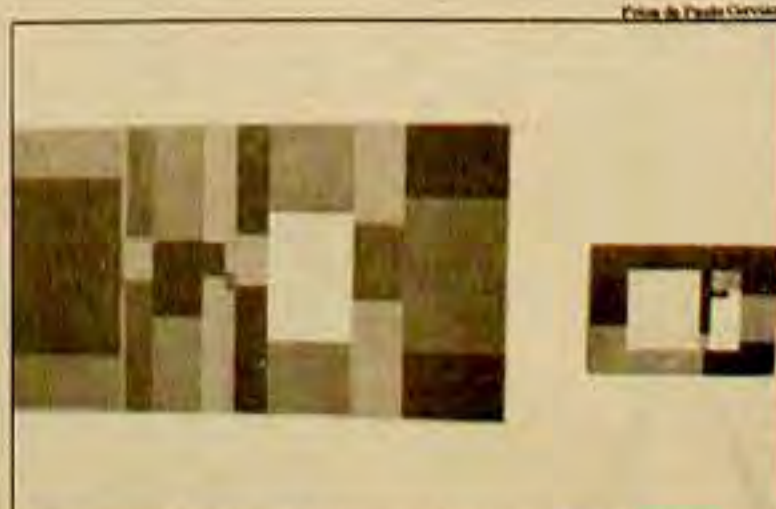


Foto de Paulo Cervieri

Escultura em ferro do austríaco Franz Weissmann; pinturas de Ivan Serpa e de Hélio Oiticica; obras do Neoconcreto que estarão expostas a partir de hoje, no Museu de Arte Contemporânea



## A COZINHA DO SOL DA MEIA-NOITE

DE 26 DE MAIO A 2 DE JUNHO\* NO VIKINGS, MAKSOUZ PLAZA

Uma semana com a gastronomia escandinava sob a batuta de Ida Davidsen, proprietária do "Oskar Davidsen" — um dos mais famosos restaurantes de Copenhague, onde Ida exerce sua arte com insuperável mestria. Venha saborear as delícias do "smorgasbord": saboroso buffet com mais de 70 pratos dinamarqueses, frios e quentes.

\* Almoço e jantar diariamente, exceto almoço de sábado dia 1. Reservas: 251-2233.

Apelo **MAKSAS**



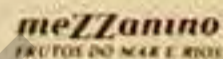
### E MAIS:



Especialidades francesas. Dejeuner Express: de segunda a sexta, das 12 às 14:30h. Jantar: de segunda a sábado, a partir das 19:30h. Entre as opções: "Menu du Jour" — o que há de melhor na época em carnes, legumes e verduras. E "Menu Gastronomique" — da entrada ao café com petit fours — 8 especialidades muito saborosas. O requinte natural da França presente em cada detalhe. Suave música ao vivo.



Culinária brasileira e Internacional. Aberto 24 horas por dia. No almoço e jantar de segunda a sexta, sempre um prato especial com irresistível toque caseiro. Diariamente, a partir das 23h e por toda a madrugada, Música de São Paulo Antiga, Dobradinha à brasileira e Picadinho à carioca. De domingo a sexta, Cr\$ 5 estrelas: perfeito. Aos sábados, o buffet-feijoada mais disputado da cidade. Programa certo de bom gourmet.



Lunch Express: de segunda a sexta, das 12 às 14:30h. Almoço rápido, econômico, delicioso. À noite, de segunda a sábado, frutos do mar e dos rios preparados no chapa, bife de picanha e especialidades fantásticas da culinária japonesa: nigiri-sushi, sashimi, sashimi de tempura, kama-maki, kappo-maki e miso-sushi. Uma personalidade fascinante do Atrium Lobby do Maksouz Plaza.



Pizzas, massas, queijos, fondue, carnes e vinhos. Aberto todos os dias a partir das 16h. Pizzas individuais, massas frescas com molhos diversos e, entre outros, escalope de vitelo à parmigiana.



Show de segunda a sábado com a Banda 150, Johnny Alf, Bob Mckay e os maiores astros da música mundial. Sábado, 1º de junho, às 23h, último dia de Toquinho em "Música e Letra". Um show de virtuosismo ao vivo com direção artística de Fernando Faro e direção de produção de Fred Rossi. Adquirir seus ingressos agora ou reserve pelo tel.: 251-2233.



MAKSOUZ PLAZA, São Paulo, Avenida Conselheiro, 130. Entorno com estacionamento, lojas, bares e restaurantes.